

# Lídia Garcia

## Pioneirismo e vitalidade no centro do Brasil

Reportagem e Fotos de Isabel Clavelin

Sexta-feira, 15 de junho de 2007, é feito o primeiro contato com a entrevistada. Assim que Eparrei se identifica, do outro lado da linha é perceptível o entusiasmo da artista, empreendedora, militante do movimento negro e agitadora cultural Lídia Garcia - só para começar as apresentações. Ela nos recebe em sua casa, localizada no Plano Piloto de Brasília, bairro Asa Sul, num ensolarado sábado de outono. Para quem conhece um pouco da capital federal, sabe que se trata de uma situação inusitada - mas o melhor estava por vir.

### Arte por todos os lados

Ao chegar à residência da matriarca (Lídia é mãe de cinco filhos e avó de nove crianças e adolescentes) nos deparamos com arte por todos os lados. As paredes repletas de cores, traços e figuras remetem qualquer visitante a um fascinante mergulho nas profundezas da negritude e, num saltitar de quadro em quadro, o olhar desbravador acalma sua inquietude nas explicações da anfitriã. "Comprei essa tela dos integrantes do Balé do Senegal quando vieram a Brasília. Esse (uma tela linda com cores vibrantes que reproduzem a alegria dos moradores de um vilarejo africano) foi pintado por um homem negro que não tinha

dinheiro nem para comprar tintas", conta. Infelizmente não se trata de um caso isolado, incontáveis talentos negros têm suas produções atrofiadas pela falta de oportunidades e incentivo.

Os cômodos da confortável casa se agigantam com todas as histórias dos objetos que tornam a decoração peculiar, em geral produto da criatividade de artistas negros anônimos e conhecidos da militância negra. Numa área que recebe iluminação solar estão as peças do Atelier Cultural BazAfro, entre roupas, artesanato, desenhos, telas, adereços de pano e material reciclado, que representa "um pedacinho da África em Brasília" como se auto-intitula num folheto de divulgação. O recanto foi criado no final dos anos

1980, época em que Lídia Garcia se desligou do Movimento Negro Unificado de Brasília. A fundadora conta que o espaço foi concebido para atender os inúmeros pedidos de empréstimo de livros e do corre-corre cotidiano. "O BazAfro veio para uma coisa mais prática. Uma coisa é você ler um livro, ser um intelectual. Outra coisa é botar a mão no barro. Vamos trançar cabelo! Vamos tirar um foto de criança. Vamos discutir comunicação. É isso tudo!", diz Lídia.

"Aqui todo mundo é artista" anuncia enquanto separa batas, vestidos, túnicas e calças produzidas com tecido africano e criatividade brasileira que, nos momentos de baixa oferta de matéria-prima, encontra no jogo-de-cintura a receita para manter a produção. Da arara de roupas, Lídia mostra os

croquis brutos que vão se transformar numa variedade geométrica e pintura em auto-relevo de Olumello. "Não se esqueça de citar Mali. Atualmente, ela é coordenadora do BazAfro" fala orgulhosa a mãe da artesã, que usa material reciclado em suas criações de colares, brincos e acessórios em geral. O arsenal cultural se completa pelas rodas de poesia, grupos de bordados, palestras, com atuação em feiras e exposições.

## O fio da meada

Mas o seu trabalho como militante vem de muito antes. A propósito se

estruturou nas atividades do grupo de jovens do clube Renascença do Rio de Janeiro - freqüentado por muitos negros - como o primeiro embaixador negro Raimundo Souza Dantas - que na década de 1950 fundou o Grupo dos Palmares. "Levei meus pais que não faziam parte da luta do jeito que conhecemos. Minha mãe era costureira e meu pai, funcionário da prefeitura. A discriminação acontecia e eles davam as respostas que podiam", diz. Precoce, Lídia Garcia concluiu o ensino superior por volta dos 18 anos em razão do aproveitamento de disciplinas do ginásio no curso de Musicalização, com especialização em piano no Conservatório Brasileiro de

Música.

## Pioneirismo

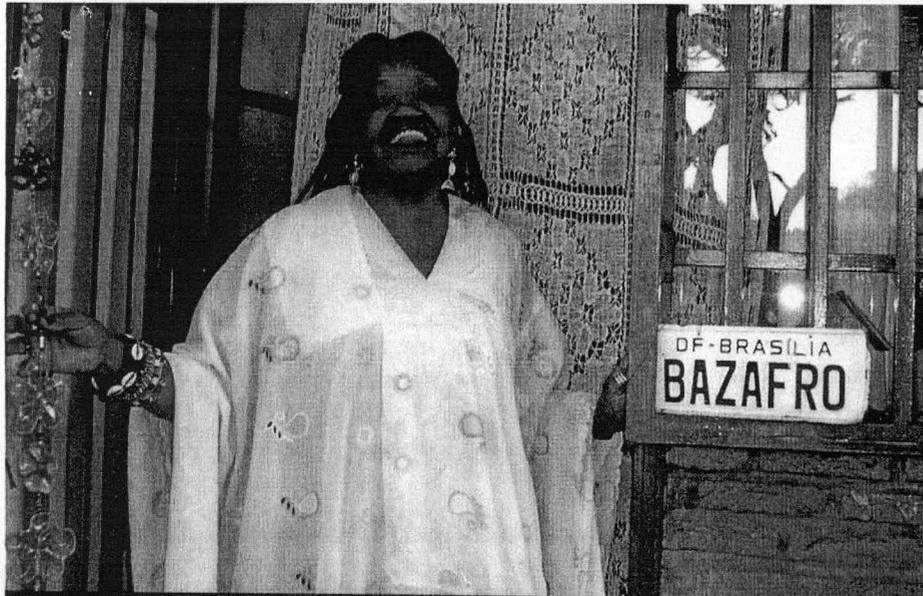
Recém-casada, aos 22 anos transfere-se para Brasília com o ex-marido Willy Mello (nome de registro do pintor Olumello) na passagem de 1959 a 1960 - momento da remessa de funcionários públicos da União lotados no Rio de Janeiro e de intensa migração de nordestinos em busca de oportunidades de emprego e melhores condições de vida.

## Imersão pela negritude

Em meio à vastidão do Cerrado, segundo Lídia Garcia, o acalanto veio na interação dos negros em Brasília e também dos recém-chegados estudantes africanos, esses nos anos 1970 - tempo de efervescência impulsionada pelo movimento Black Power e da épica luta pelos direitos civis nos Estados Unidos. "Quando começaram a vir os primeiros africanos a Brasília, por meio de projetos da universidade, nós os abrigávamos e os procurávamos para saber mais da África. Queríamos era saber mais de nós mesmos. Juntamos um amigo dali outro daqui, até montarmos a 1ª Semana de Estudos Afro-brasileiros de Brasília em parceria com a Fundação Pró-memória. Nessa altura, já conhecíamos Joel Rufino, Abdias do Nascimento. Em seguida, fundamos o extinto Centro de Estudos Afro-brasileiros, que objetivava a difusão do conhecimento, realização de palestras, encontros", recorda.

Essa aspiração de conexão com África repercutiu inclusive na dinâmica familiar através da escolha de nomes africanos para seus filhos (Luenda, Mali, Kênya, Ialê e Kwame) e imprimiu sua marca na descendência: os netos também têm as significações de suas





vidas traduzidas pela visão de mundo africana.

## Em sala de aula

“Tive muito menos alunos negros do que brancos. Mesmo com poucos alunos negros, trabalhava a questão da negritude na música. Sempre observando e defendendo os alunos com etnia diferente e num grupo de minoria”, lembra a professora aposentada do Governo do Distrito Federal que, entre seu alunado, localiza a famosa no circuito pop rock, Cássia Eller.

Nos anos 1990, passa a integrar o staff do governador Cristóvam Buarque como assessora da Secretaria de Cultura – período em que contribuiu para ampliar as fronteiras culturais numa perspectiva negra. “Foi um momento em que também me inseri no movimento feminista, mas percebi dificuldade de tratar, discutir e enfrentar o racismo. Elas só queriam falar do que lhes interessava. Sai fora!”, revela.

## Resistência

A especulação imobiliária e o alto custo de vida da capital federal levaram muitas famílias negras às periféricas cidades satélites, onde as maravilhas do ufanista planejamento arquitetônico e urbanista de Brasília sequer se aproximam. Muito pelo contrário;

concentram violência e criminalidade, transporte precário, baixa cobertura de saneamento básico e asfalto, falta de oportunidades, desemprego, tráfico de drogas, entre outras mazelas.

O inusitado a que nos referimos no início da matéria é a permanência de uma família negra, já na sua segunda geração, numa das áreas nobres do Plano Piloto. Negritude por todos os lados, revelada nos cabelos, faces, artes, músicas e no jeito de ser e viver: resistência. “Brigo pelo nosso espaço”, declara a matriarca.

## Racismo à brasiliense

Dos casos de racismo e discriminação racial, Lídia já perdeu as contas. Recorda a vez em que a banda mirim do Olodum foi impedida de se apresentar no Santuário Dom Bosco. Mas é na escola onde as feridas são mais expostas. “Já passei por muitos problemas, meus filhos também. Hoje, 2007, uma criança de oito anos vem e diz ‘vovó Lídia, meu colega disse que lugar de preto é na favela ou na prisão’”, denuncia também comentando a perseguição vivida por seu neto Hodari, hoje com 15 anos, de um professor que insistia em não pronunciar corretamente seu nome, alegar prejuízo na alfabetização dos demais alunos por causa do nome es-

trangeiro, além de relegar a segundo plano o menino então com sete anos de idade.

## Novos horizontes

“A gente só vai mudar e ter uma resposta afirmativa disso tudo, quando atingirmos os objetivos que nós negros queremos: educação, trabalho, dignidade. Muita coisa está melhorando. Cada dia que eu acordo, digo ‘não vai acontecer mais nada’. Mas sempre acontece. Enquanto nós, povo brasileiro, não buscarmos mais informação, vamos continuar cada vez nos afastando de onde precisamos chegar. É uma questão de educação”, analisa.

## Vivacidade

Os 40 anos em Brasília não afugentaram os chiados do sotaque e nem a alegria de viver característica dos cariocas. Somando 69 anos, Lídia Garcia reserva várias histórias, curiosidades e fatos marcantes todos, cuidadosamente, ilustrados por fotografias e recortes de jornal que ajudam a desvendar passagens significativas da história do Brasil e do movimento negro. E o melhor de tudo, no BazAfro - um pedacinho da África em Brasília.

